

|||||

# PARA UMA LEITURA SOCIOPOLÍTICA DO CAMPANIFORME DO GUADIANA. LONGAS VIAGENS COM CURTA ESTADA NO PORTO DAS CARRETAS

**JOAQUINA SOARES**

MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

|||||

**RESUMO** A partir da caracterização da ocupação com cerâmica campaniforme (grupo estilístico internacional) do sítio do Porto das Carretas, e da definição de uma esfera de economia política alimentada por produções regionais e supra-regionais de bens de prestígio e incorporações imateriais provenientes de amplas redes de interação, discutem-se dinâmicas de complexidade social criadas pelo jogo das diversas escalas de organização territorial, nas quais terão participado povoados de dimensões e grau hierárquico similares aos do Porto das Carretas, bem como, no topo da hierarquia dos territórios regionais, as macro-aldeias de La Pijotilla, no médio Guadiana, e Porto Torrão na bacia do Sado. A cerâmica campaniforme parece ter desempenhado importante papel nos domínios da identificação e sociabilidade entre as elites de tão vasta área; investido de elevado valor social e ideológico, este artefacto sociotécnico merece-nos especial atenção na definição das escalas de interação propostas. A crescente hierarquização regulada por lideranças instáveis de tipo «omnisciente» exprime-se no registo arqueológico da bacia do médio Guadiana através de arquitecturas monumentalizadas, de depósitos funerários e rituais de exibição de riqueza e poder, de artefactos metálicos, com destaque para ornamentos de ouro e armas em cobre arsenical, que prefiguram a ideologia guerreira que prevalecerá nas sociedades atlântico-mediterâneas da Idade do Bronze.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bacia do médio Guadiana; Porto das Carretas; sistema económico de bens de prestígio; cerâmica campaniforme de estilo internacional; estilo Ciempozuelos.

**ABSTRACT** Characterization of the Bell Beaker phase of Porto das Carretas (International stylistic group) and associated political economy triggered by prestige goods economic system and immaterial incorporations from large exchange networks. Bell Beaker vessels attached to social and ideological meanings are considered the basic artifacts of elites communication and sociabilities; they are the main support for our proposal of interactions framework in the Middle Guadiana River Basin. The dynamics of the Bell Beaker economic system is discussed focusing on the articulation of several scales of complex networks of social interaction. Porto das Carretas operates in a local scale among similar sized sites, as Miguens 3. The local scale acquires meaning when referred to the upper level of the regional organization hierarchy, represented by the macro-villages of La Pijotilla and Porto Torrão. The increasing social hierarchization associated with emerging elites is expressed in monumentalized towers, «aristocratic» graves, gold and ivory ornaments, and deposits of metallic artifacts such as weapons in arsenical copper, which prefigure the warrior ideology that will prevail in the Atlantic-Mediterranean societies of the Bronze Age.

**KEY WORDS:** Middle Guadiana River basin; Porto das Carretas; economic system of prestige goods; International Bell Beaker pottery; Ciempozuelos style.

## INTRODUÇÃO

Embora nos tenha sido proposto pela organização do simpósio a abordagem do Campaniforme da margem esquerda do Guadiana, entendemos, a partir de análise global da informação arqueológica disponível, que o Guadiana, durante o período com campaniforme (2500-1800 cal BC), funcionou essencialmente como via de comunicação e não como fronteira (Soares, 2013). À mesma conclusão chegaram Carlos Odriozola e colaboradores (Odriozola *et al.*, 2007) a partir da análise química de pastas de cerâmicas campaniformes provenientes de sítios de ambas as margens do rio, nomeadamente San Blas e La Pijotilla, Perdigões e Porto Torrão: «the exchange follows a main East-West axis [...]. In this sense the Guadiana River would not have been a natural constraint for pottery transactions» (Odriozola *et al.*, 2007, p. 67, Fig. 6). Os mesmos autores verificaram que cerca de 14% das cerâmicas analisadas tinham resultado de trocas e que essas cerâmicas eram maioritariamente de estilo internacional.

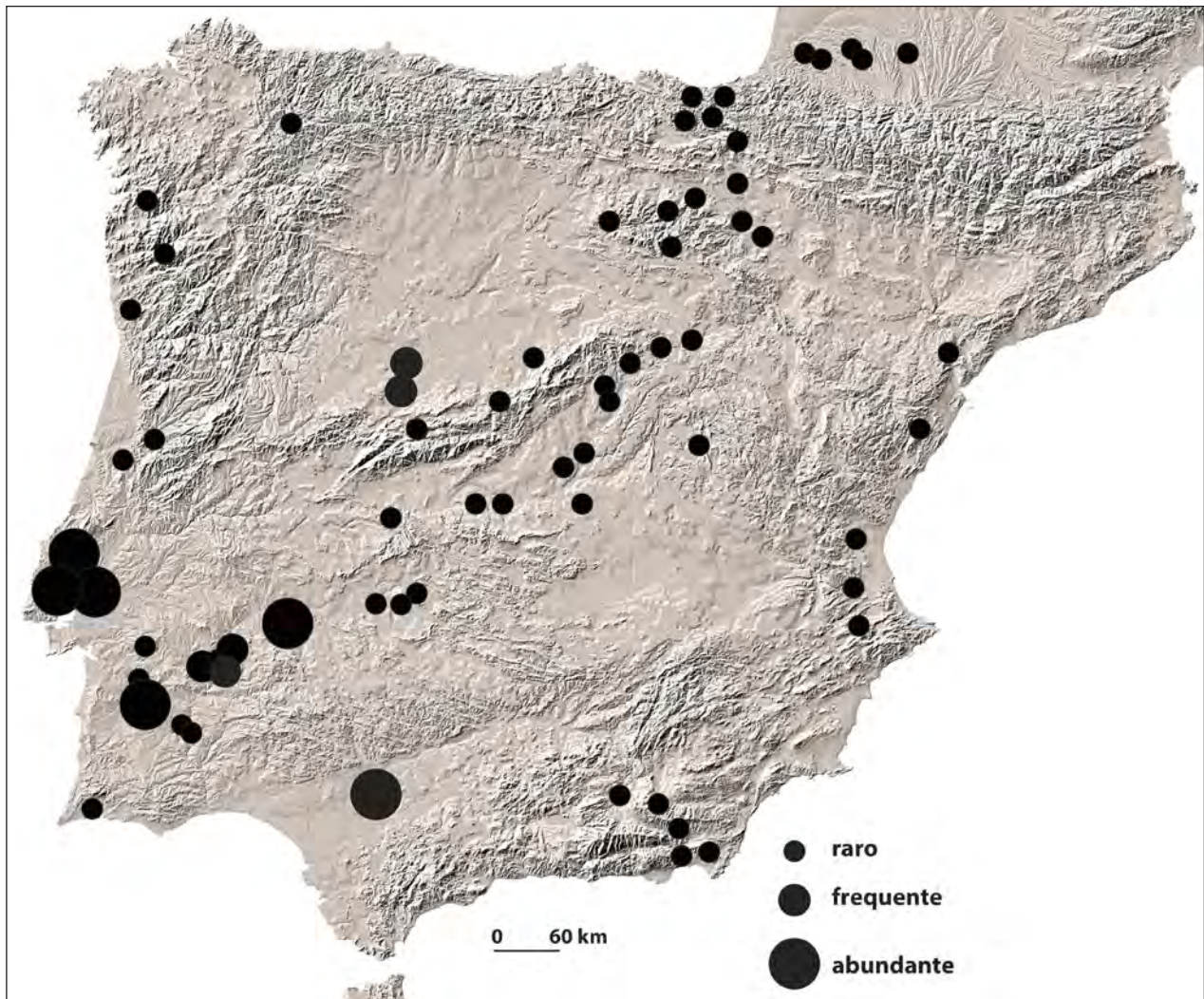
Ao contrário de uma relativa autarcia que supomos ter vigorado nas sociedades tribais complexas da primeira metade do 3.º milénio, durante o período com campaniforme muitas das fronteiras de territórios clânicos terão caído e mesmo as fronteiras externas dos antigos territórios tribais ter-se-ão permeabilizado pelo efeito de alianças entre supostas chefaturas instaladas nas macro-aldeias de topo da hierarquia dos sistemas de povoamento, ou seja, para a região em análise, La Pijotilla com cerca de 80 ha e Porto Torrão com uma área estimada entre 75 a 100 ha, ambas localizadas sobre extensas manchas de solos de elevada fertilidade agrícola (classe A). Fluxos de nível intermédio, nomeadamente entre San Blas e La Pijotilla, mostraram que San Blas abasteceu La Pijotilla em cerâmicas campaniformes de estilo Ciempozuelos (Odriozola *et al.*, 2007) e instrumentos metálicos (Hunt Ortiz *et al.*, 2009); San Blas atingiu o máximo desenvolvimento em meados e no terceiro quartel do 3.º milénio. Tenha-se presente que

esta macro-aldeia possui cerca de 30ha de área residencial e 20 ha de necrópole, e foi dotada de complexo sistema de fortificações, com uma cidadela interior rodeada por muralha e fosso e com uma muralha exterior, com cerca de 2km, reforçada por bastiões e fosso; a sua frente ribeirinha possui uma notável entrada defendida por torres (Hurtado Pérez, 2004). Ao território de San Blas deverão ter pertencido as torres-fortaleza de Porto das Carretas (Fig. 2), apenas 16km a sul e também elas debruçadas sobre o rio (Fig. 6).

Em 2010 (Soares e Tavares da Silva, 2010), tivemos oportunidade de realizar uma ampla (mas não exaustiva) digressão através do chamado fenómeno campaniforme da Península Ibérica, motivados pela identificação no Porto das Carretas (margem esquerda do médio Guadiana) de um contexto fechado, datado por radiocarbono do 3.º quartel do 3.º milénio BC (Quadro 1) e pertencente exclusivamente ao grupo estilístico internacional (Fig. 8). Com efeito, o isolamento crono-estratigráfico deste estilo permitiu reafirmar que o seu aparecimento é claramente anterior ao do campaniforme inciso ou continental, afirmação que vínhamos, aliás, sustentando, com basta oposição, desde os anos 70 do século passado (Soares e Tavares da Silva, 1974-77, 1984), oposição que persistia em confundir a cronologia de origem com a do final do período de sobrevivência daquele estilo cerâmico. Recentemente essa sobrevivência foi colocada em destaque pela associação de um vaso campaniforme internacional a sepultura individual em fossa, datada a partir de ossos humanos (16B0304 – 3550±30BP – 2010-1770 cal BC a 2 sigma) (Valera, Calvo e Simão, 2016). Não é improvável que esse vaso aparentemente associado à inumação fosse uma peça de estimação, do tipo *heirloom* (Lillios, 1999; Soares, 2013, p. 381), guardado ao longo de várias gerações. A este propósito, veja-se também o depósito campaniforme ritual de La Calzadilla (Valladolid) (Liesau von Lettow-Vorbeck, Guerra Doce e Delibes de Castro, 2014), onde similar comportamento se encontrava expresso através da inclusão de um pro-

REF. DE LAB.	CONTEXTO	AMOSTRA	DATA <sup>14</sup> C (BP)	δ <sup>13</sup> C (‰)	DATA CALIBRADA (cal BC)	
					1σ	2σ
Beta-196681	Corte A, Sector XXXVI, Q.N.-O/12-13, C.2B2 («Torre» M13; Lareira D)	Carvão ( <i>Pinus pinea</i> )	3920±40	-25,4	2470-2340	2490-2290
Beta-204062	Corte A, Sector XXXVI, Q.M14, C.2B2 («Torre» M13; Lareira B)	Carvão ( <i>Pinus pinea</i> )	3860±40	-23,3	2430-2280	2460-2200
Beta-193743	Corte A, Sector XXXVI, Q.L13, C.2B2 («Torre» M13; Lareira A)	Carvão ( <i>Olea sp.</i> )	3940±60	-24,1	2430-2200	2470-2130

**QUADRO 1** Porto das Carretas. Fase II (Campaniforme). Datações radiocarbónicas. Seg. Soares, 2013.



**FIG. 1** Distribuição da cerâmica campaniforme de estilo internacional e pontilhado geométrico. Adaptado de Alday Ruiz, 2001, com acréscimo dos principais sítios das bacias do médio Guadiana e Sado e de Alcalar.

vável amuleto sobre osso craniano de auroque cuja datação radiocarbónica mostrou tratar-se de uma peça várias centenas de anos mais antiga que o depósito.

Contudo, o mais importante contributo do Porto das Carretas, graças à descontinuidade da ocupação campaniforme em relação à do Calcolítico da primeira metade do 3.º milénio (Fig. 3), foi ter colocado em evidência a profunda transformação ocorrida no terceiro quartel do mesmo milénio, no que respeita à organização do território e habitat, economia e sociedade (Soares, 2013, 2016).

A percepção das mudanças económico-sociais parece ser mais clara nas pequenas/médias fortificações de defesa dos territórios polarizados pelas macro-aldeias de La Pijotilla e Porto Torrão, como Porto das Carretas e Monte da Tumba respectivamente, uma vez que as aglomerações de primeira grandeza prosseguem sem apreciáveis descontinuidades até ao final do Bronze antigo, realizando, embora, adaptações e reorientações.

Os mais precoces indicadores do novo sistema económico de bens de prestígio (cf. Soares, 2013, p. 71-77) de escala europeia, reveladores de alianças e trocas de longa distância surgem nas macro-aldeias de topo da hierarquia dos sistemas de povoamento do Sudoeste e respectivas necrópoles. A cerâmica campaniforme cordada, a mais antiga, de meados do 3.º milénio, foi somente identificada na região em apreço nos arqueossítios de La Pijotilla, Porto Torrão, Alcalar; os seus trajectos de difusão, ainda por definir com clareza, poderão ter sido: sudeste de França (Hurtado Pérez e Amores Carredano, 1982), Meseta e Guadiana, e o litoral ocidental; atenda-se à presença de cerâmica cordada no Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, 1999).

A distribuição da cerâmica campaniforme internacional (associada ao estilo pontilhado geométrico) ocorre muito contidamente no Sudoeste durante o 3.º quartel do 3.º milénio, exceptuando o Porto Torrão, onde é francamente abundante, na ordem das cente-

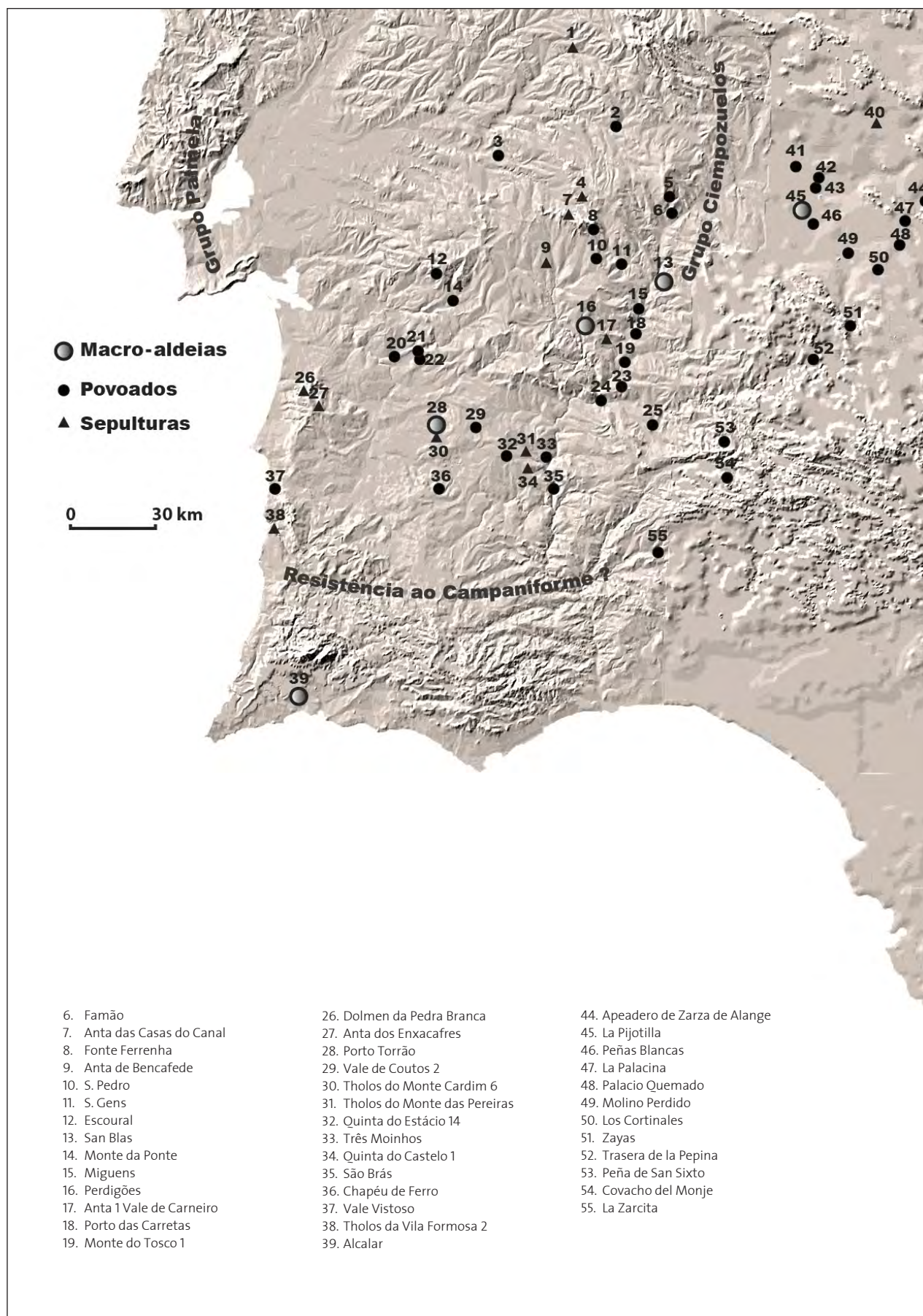


FIG. 2 Sítios com cerâmica campaniforme do Alentejo e do Algarve e da bacia do médio Guadiana em território espanhol.

nas de exemplares, com ampla distribuição espacial, e cuja produção local/regional ficou comprovada (Cabral *et al.*, 1988). Encontra-se presente em La Pijotilla, macro-aldeia onde todos os estilos foram identificados, mas com domínio da cerâmica de estilo Ciempozuelos; foi igualmente registada nos sítios de San Blas e Perdígões (pontilhado geométrico), bem como no Monte da Tumba, Escoural, Monte da Ponte (Kalb e Höck, 1997), Apeadero de Zarza de Alange, Vista Alegre, la Palacina (Fig. 2), S. Gens. O campaniforme internacional/ pontilhado geométrico é exclusivo em Porto das Carretas e em Miguens 3, povoados abandonados anteriormente ao desenvolvimento do processo de regionalização das produções cerâmicas campaniformes (Soares e Tavares da Silva, 2010). A difusão do estilo internacional parece pois ter ocorrido tanto pelo interior como pelo litoral (Alday Ruiz, 2001) (Fig. 1). Estes principais eixos de interacção irão manter-se activos até ao final do período, mas integrados em complexas redes de troca, pelas quais irão circular as novidades impostas pelos estilos regionais, nomeadamente de Ciempozuelos e de Palmela, na fase de «popularização» da cerâmica campaniforme; a taça tipo Palmela expande-se, embora com fraca expressão numérica, para áreas muito distantes a norte e a sul do seu «berço» estremenho (Soares, 2003): para norte é possível segui-la até ao *tumulus* de Chã de Carvalhal 1 (Baião) (Bettencourt, 2011), ou mesmo no território francês; para sul, até aos monumentos megalíticos de Pedra Branca (Ferreira *et al.*, 1975a, b) e Enxacafres (Evangelista, Lago e Miguel, 2016), tholos de Vila Formosa 2, no Alentejo litoral (Vilhena, 2016), e mesmo no Marrocos atlântico (Gilman, 1975); para leste, dificilmente ultrapassará a bacia do Sado (Barrada do Grilo) bloqueada (?) pela pujança do estilo Ciempozuelos; no entanto, contactos parecem ter existido entre os grupos estilísticos de Palmela e Carmona, a sudeste, na bacia do Guadalquivir (Soares e Tavares da Silva, 1984), o que mostra a complexidade das redes de interacção económica e social que marcaram a segunda metade do 3.º milénio BC.

A circulação da cerâmica campaniforme (ou melhor, do conceito, modelo e programa subjacentes) encontra diversas barreiras, impostas nomeadamente pela hierarquia da rede de povoamento (o sítio do Mercado, provável satélite do Porto das Carretas, na base da hierarquia do povoamento regional, não utilizou cerâmica campaniforme) e pela superestrutura cultural/ideológica (atenda-se à quase total ausência de cerâmica campaniforme no Algarve e Baixo Guadiana).

No Alentejo, a divulgação da cerâmica campaniforme ficou muito aquém da observada na Estremadura, pese embora o substancial contributo que a bacia do médio Guadiana tem vindo a dar para a alteração do quadro tradicional (García Rivero, 2006) (Fig. 2).

A macro-aldeia de Porto Torrão, na área de influência do Grupo de Palmela, parece não ter tido a capacidade de redistribuição da cerâmica campaniforme manifestada por La Pijotilla; a área da bacia do médio Guadiana, em ambas as margens, inscreve-se claramente na província estilística de Ciempozuelos (García Rivero, 2006; Odriozola *et al.*, 2007), com raras e ocasionais influências do grupo de Palmela (Quinta do Estácio 14). O estilo de Ciempozuelos, como já foi referido, irá aliás penetrar na bacia do Sado, cruzando-se com a olaria do grupo de Palmela, por exemplo no sítio da Barrada do Grilo (Santos, Soares e Tavares da Silva, 1972) e em Castelos do Torrão (Tavares da Silva e Soares, 1986).

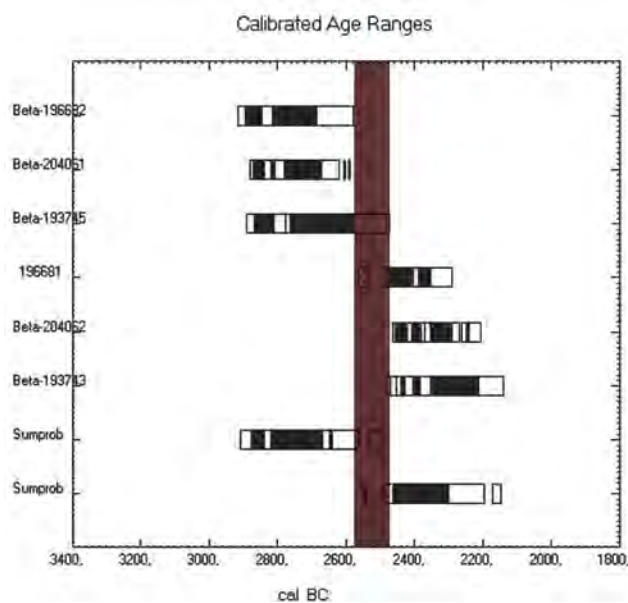
Por agora, podemos considerar o Algarve um território de resistência aos produtos cerâmicos campaniformes (Fig. 2), pois apenas se registaram seis fragmentos de cerâmica campaniforme no povoado de Alcalar com os seus 20 ha, e no Monumento 7, na camada de terraplenagem da base do túmulo (Morán, 2014). Este bloqueio à cerâmica campaniforme não foi extensível a outros bens de prestígio em geral associados, como armas em cobre arsenical (punhal de lingueta e ponta tipo Palmela), ouro, marfim e âmbar (Monumento 4 de Alcalar). Elena Morán afirma (Morán, 2014, p. 292) que no período V, em finais do 3.º milénio, entre 2200 e 1900 cal BC, a metalurgia se intensifica, o espaço doméstico deixa de estar confinado por fosso e a área residencial concentra-se na plataforma superior, estando representada por aglomerado de estruturas robustas, de grandes dimensões.

Em síntese, embora o ponto de partida para a nossa reflexão seja o campaniforme do sítio do Porto das Carretas, é indispensável integrar essa realidade arqueológica em diferentes escalas territoriais, por forma a tentarmos desconstruir o processo de transição das sociedades heterárquicas ou tribais complexas da primeira metade do 3.º milénio para as sociedades verticalmente hierarquizadas da Idade do Bronze (Soares e Tavares da Silva, 1998; Soares, 2016), em cujo âmbito se forjarão as primeiras formas de Estado (Soares, 2016).

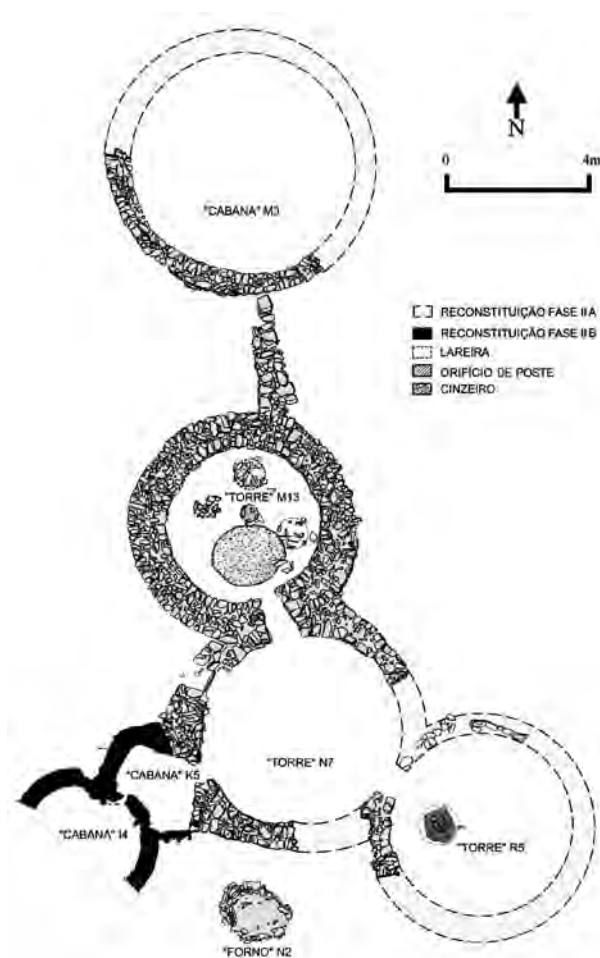
### PORTO DAS CARRETAS: DE FORTIM COMUNITÁRIO A TORRE-FORTALEZA DE CHEFATURA INCIPIENTE NO 3.º QUARTEL DO 3.º MILÉNIO BC

#### ARQUITECTURA

A fortificação calcolítica (cerca de 1 ha) da primeira metade do 3.º milénio do Porto das Carretas foi destruída por violento e generalizado incêndio, seguindo-se uma fase de abandono não superior a uma centúria (Fig. 3), interrompida por nova instalação humana, no intervalo cronológico calibrado a 2 sigma de 2490-2130,



**FIG. 3** Calibração das datas das Fases I e II da ocupação do Porto das Carretas, sendo visível um corredor de descontinuidade (faixa vertical), correspondente à fase de abandono do sítio, cuja duração poderá ter sido de algumas décadas, imediatamente anterior ao estabelecimento com cerâmica campaniforme. Seg. Soares, 2013.



**FIG. 4** Porto das Carretas. Planta do conjunto arquitectónico da Fase II, datada do 3.º quartel do 3.º milénio BC. Assinalam-se os dois momentos construtivos reconhecidos (A e B). Seg. Soares, 2013.

com presença de cerâmica campaniforme exclusivamente de estilo internacional (Fig. 8).

Na área central da primeira fortificação, após regularização e terraplenagem dos escombros que acrescentaram altura à superfície original do terreno, foi criada plataforma para a edificação de novo programa arquitectónico constituído por alinhamento de três torres geminadas e internamente comunicantes, três cabanas e um forno metalúrgico (Figs. 4-7). Estas estruturas, de planta circular, e embasamento em alvenaria de xisto ligado por argila (conservado em cerca de 0,40m de altura máxima) definem no seu conjunto um eixo que acompanha o do esporão na direcção do rio (Fig. 6). A parte superior seria em terra, como foi comprovado pelo apreciável volume de fragmentos de «terra de construção» cozidos por incêndio, presentes na camada de destruição deste conjunto arquitectónico (Fig. 5). No centro do mesmo, a Torre N7 possui cerca de 5,70m de diâmetro interno e paredes robustas com 0,90m de espessura a 1,50m, nas ombreiras dos vãos das suas quatro portas, assegurando duas delas a ligação às Torres M13 e R5; as duas aberturas restantes dão para a cabana K15 dedicada a armazenagem, por sua vez ligada à Cabana I4 (especializada em tecelagem) e para o exterior. A Torre M13, de grande robustez e a melhor conservada, possui cerca de 4,20m de diâmetro interno, e a espessura das suas paredes, cerca de 1,10m; continha os elementos de cultura material mais qualificados ou de prestígio. A Torre R5, a pior conservada, teria cerca de 4,30m de diâmetro interno e 5,80m de diâmetro externo. Do forno metalúrgico N2, recuperou-se o embasamento de planta ovalada de alvenaria de xisto com cerca de 1,60m de diâmetro máximo, sobre o qual assentava placa de argila cozida por acção directa do fogo e com impregnação de minério de cobre; não existe informação sobre a eventual cobertura.

Esta organização do espaço parte de um projecto arquitectónico intencionalmente monumentalizado que deixa perceber a existência de lógica fracturante na própria organização social: à elevada visibilidade da residência fortificada, ou arquitectura do poder, opõe-se a invisibilidade das cabanas em materiais perecíveis, dispersas, em espaço aberto, onde deveriam viver os restantes elementos do grupo. O espaço arquitectónico de cariz coercivo e simbólico construído na Fase II do Porto das Carretas encontra semelhanças ideológicas em contextos cronologicamente distintos, marcados por estratégias de afirmação de lideranças emergentes, que valorizam o papel da arquitectura na legitimação do poder político, sobretudo em situações de fragmentação e instabilidade, associadas a dinâmicas de «feudalização». Os melhores paralelos para a arquitectura da fase campaniforme do Porto das Carretas encontram-se em:

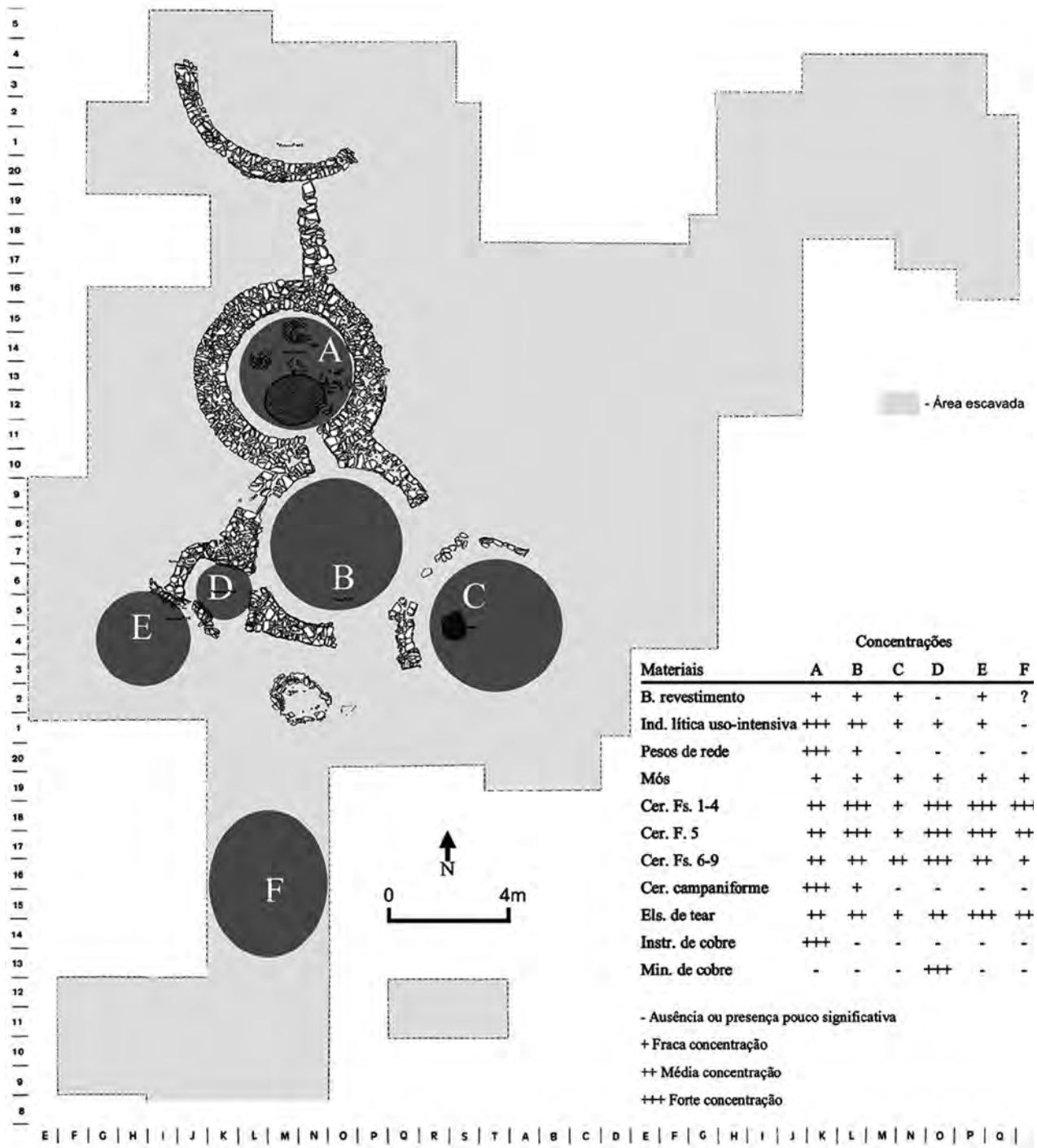
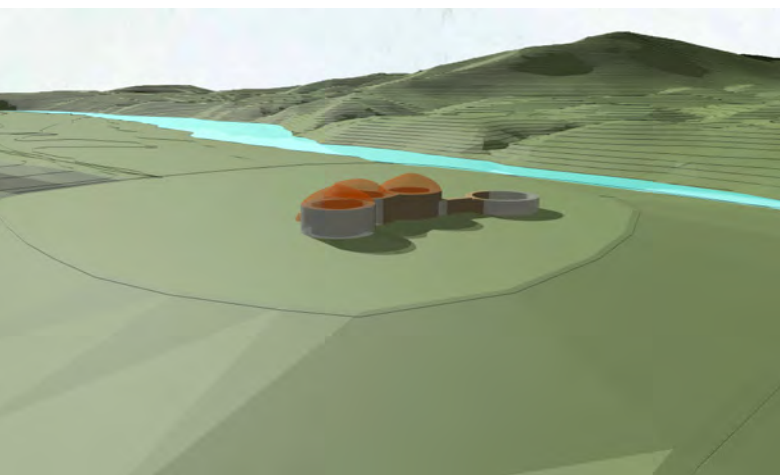


FIG. 5 Porto das Carretas. Fase II. Planta funcional da área central do habitat. Seg. Soares, 2013.

■ Torre de Miguens 3, na margem oposta do Guadiana (concelho de Alandroal). Revelou uma ocupação igualmente com cerâmica campaniforme de estilo internacional/pontilhado geométrico, contemporânea da do Porto das Carretas, datada do 3.º quartel do 3.º milénio (K – 18507: 3934 ±33 BP, cal BC 2 sigma = 2500 – 2300; K – 18508: 3902 ±38 BP, cal BC 2 sigma = 2480 – 2280) (Mataloto e Boaventura, 2009). Neste local foi construída uma grande

torre segmentada, com o diâmetro interno máximo de 9m, embasamento em alvenaria de xisto e parte superior em terra, designada como ambiente 1, onde se concentrava a cerâmica campaniforme. Em um total de 112 fragmentos de cerâmica com interesse tipológico registados no relatório da escavação (Calado e Ribeiro, 2001), 10 possuíam decoração por cordão plástico, dois apresentavam decoração penteada e oito ostentavam decoração campaniforme





**FIG. 6** Porto das Carretas. Fase II A. Reconstituição do conjunto arquitectónico no contexto geomorfológico. Seg. Alfarroba, 2013.



**FIG. 7** Reconstituição arquitectónica da Fase II A do Porto das Carretas; vista de sudoeste. In Soares, 2013.

de estilo internacional associado a pontilhado geométrico; estes poderão corresponder a seis recipientes, no entanto só a publicação da descrição e desenho dos materiais poderá ratificar ou rectificar o número aqui avançado. O conjunto arquitectónico, a partir da documentação disponível (Calado, 2002; Calado e Ribeiro, 2001), pode também ser interpretado como torre de planta circular, com cerca de 3,5m de diâmetro interno, inscrita em recinto concêntrico de planta subcircular, com 9m de diâmetro interno máximo, segmentado radialmente, cuja entrada recorda a da Torre N7 do Porto das Carretas. Os muros chegavam a atingir 1m de espessura, revelando o carácter de «fortaleza» do núcleo edificado (Fig. 9); à semelhança do observado na Fase II do Porto das Carretas, a torre era complementada por cabanas de planta circular.

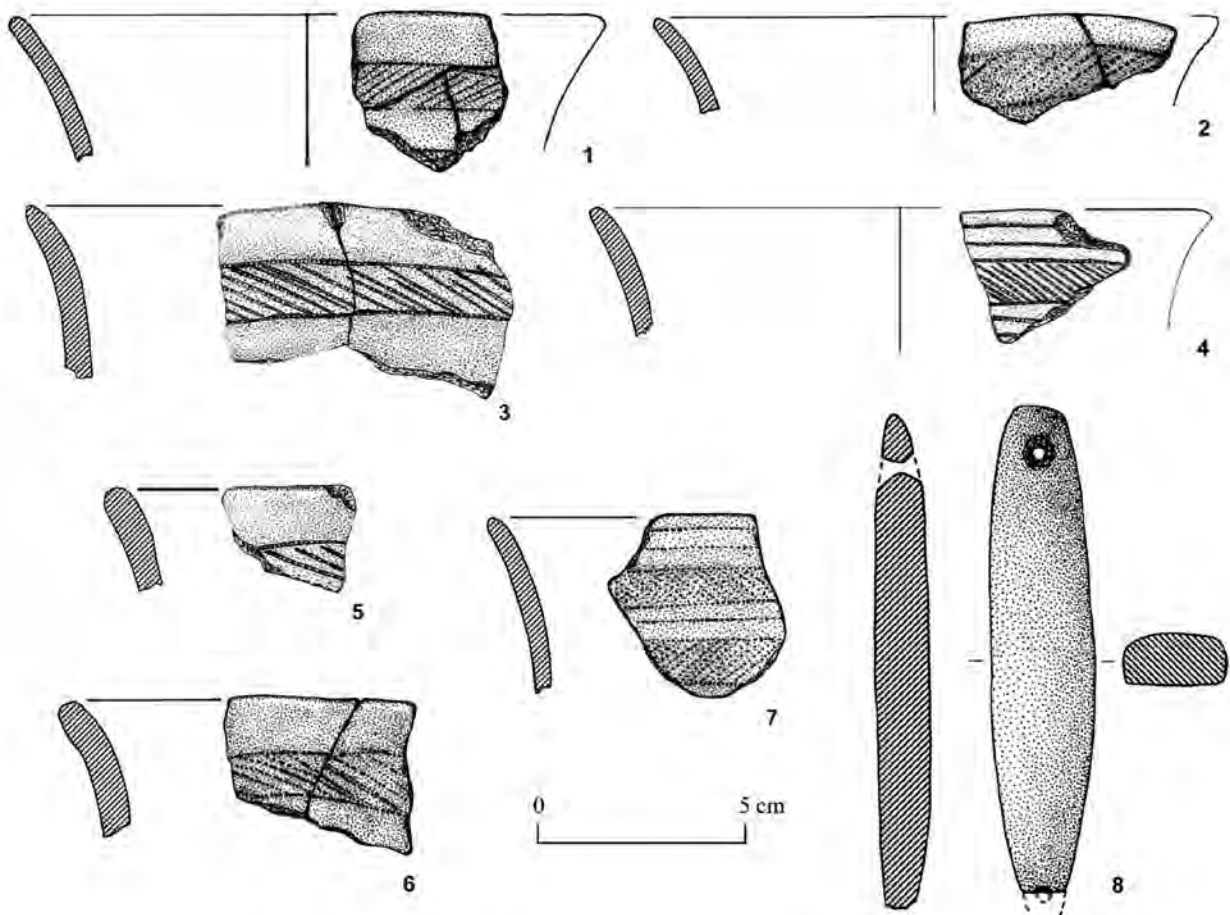
- Torre da/db de Monte da Tumba (Tavares da Silva e Soares, 1985; 1987), na bacia do médio Sado, pertencente muito provavelmente ao território da macro-aldeia de Porto Torrão. Durante a fase com cerâmica campaniforme, de estilo internacional/ geométrico pontilhado (Fase III de ocupação), a intervenção arquitectónica (Fase D de construção) que encerrou a vida útil do sítio ficou marcada pela edificação de uma torre subcircular com cerca de 12m de diâmetro externo na base (Fig. 10), localizada na área de cota mais elevada do povoado, sobre as ruínas da fortificação anterior, seguindo um modelo de implantação que recorda o do Porto das Carretas.

#### ECONOMIA

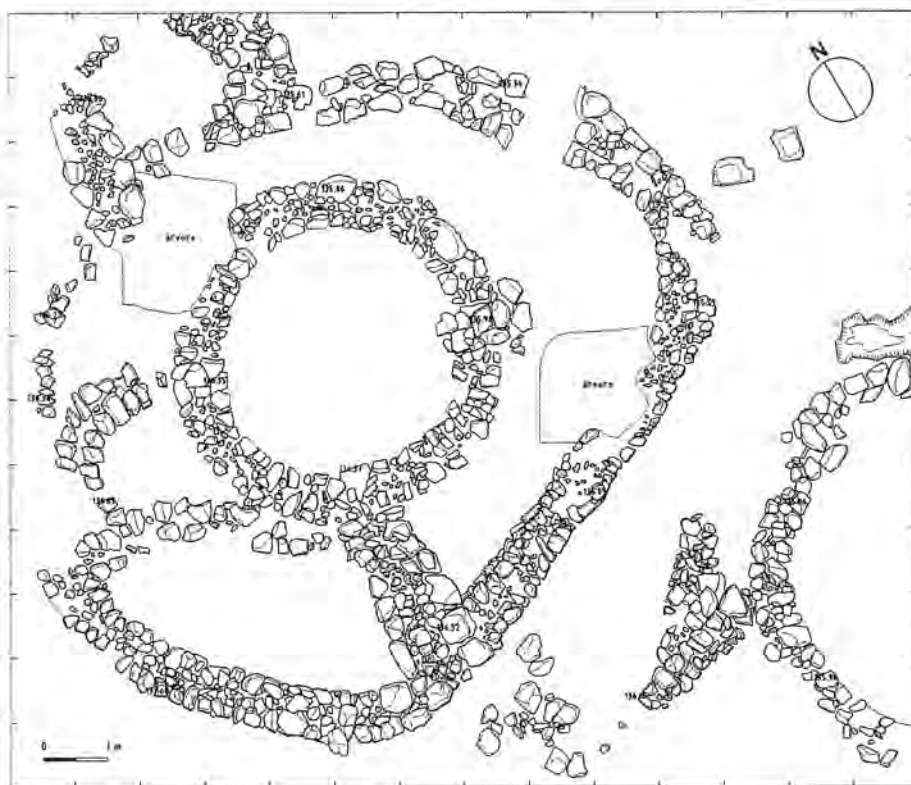
A economia de subsistência da Fase II do Porto das Carretas baseou-se na agro-silvo-pastorícia. Os elementos de mó estão melhor representados que na Fase I (Soares, 2013, Quadro 33). Da fauna doméstica faziam parte o gado suíno, ovicaprino e bovino. Registou-se um aumento, face à ocupação pré-campaniforme, da caça a animais de médio/grande porte, nomeadamente ao veado e auroque. Este facto também registado no Monte da Tumba (Antunes, 1987) é por nós interpretado como um bom indicador da prática de uma caça de carácter «aristocrático». A pesca fluvial foi documentada através de elevada frequência de pesos de rede; na Torre M13 encontrámos uma concentração de pesos parcialmente sobrepostos, interpretada como vestígios de uma rede de pesca muito provavelmente completa, que terá sido cuidadosamente dobrada no local (Soares, 2013, Quadro 20).

A tecelagem atingiu nesta fase um pico de desenvolvimento (Soares, 2013, p. 305-312) e embora fosse praticada em contexto de economia familiar mostrou também capacidade de segregação espacial (Fig. 5), própria de especialização artesanal (Cabana I4). Fragmentos de linho de elevada qualidade, envolvendo machados planos e preservados pelos produtos de corrosão desses artefactos de cobre, têm vindo a ser identificados e estudados por António Monge Soares e colaboradores (Soares *et al.*, 2016); de destacar a peça de linho (com pintura vermelha obtida a partir de raiz de *Rubia tinctorum*), que envolvia o machado plano de cobre do túmulo 1 da necrópole de Belle France (Algarve), datada de meados/ 3.º quartel do 3.º milénio BC (Soares e Ribeiro, 2003).

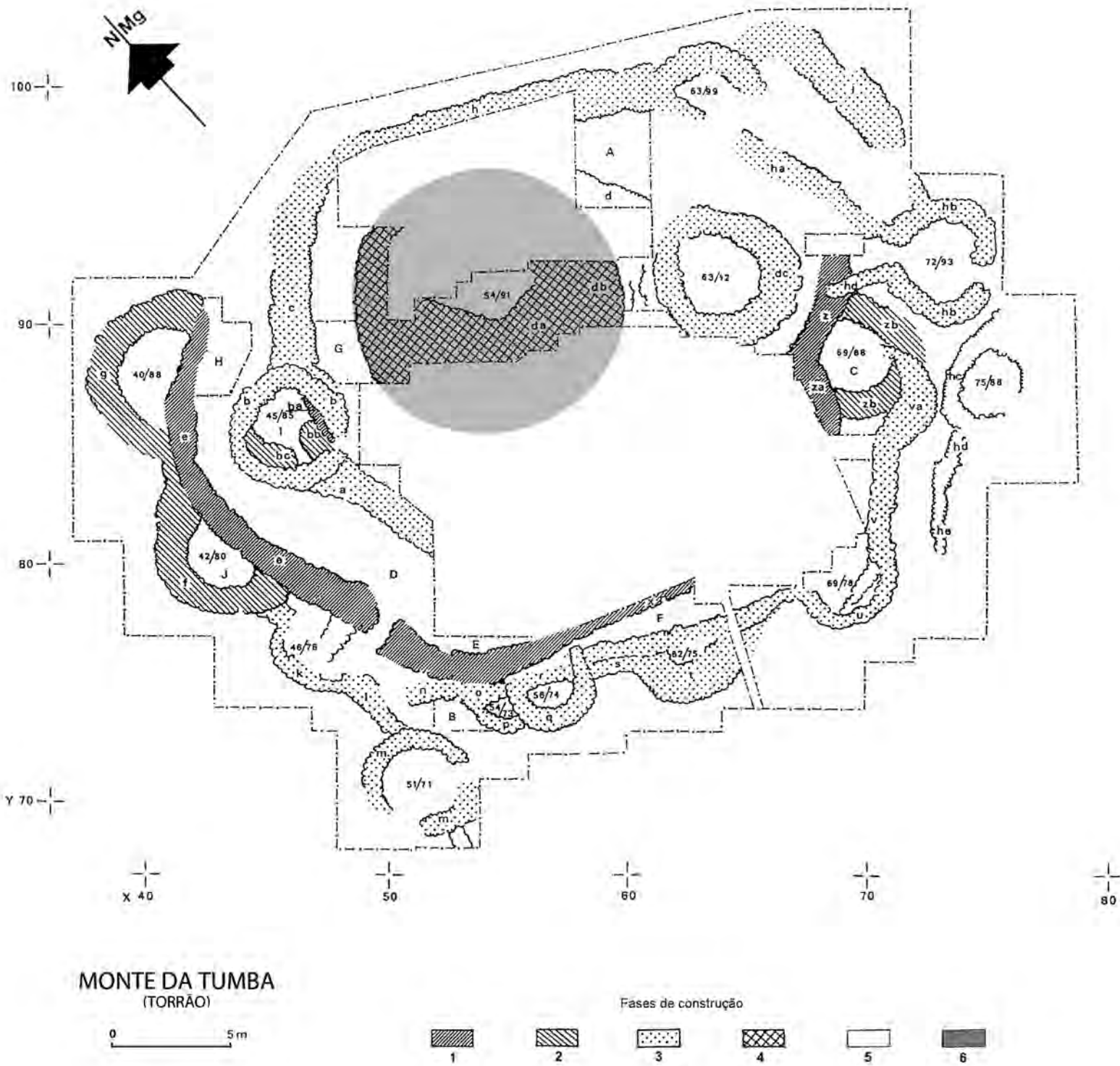
Duas actividades marcam a descontinuidade maior entre a ocupação da primeira metade do 3.º milénio e a da fase com campaniforme do Porto das Carretas. Trata-se da metalurgia do cobre arsenical, claramente comprovada durante o período com campaniforme e ausente na fase anterior, bem como a integração do Porto das Carretas em redes de intercâmbio de escala regional, como a rota do sal marinho do Guadiana



**FIG. 8** Porto das Carretas. Fase II. Cerâmica campaniforme de estilo internacional e braçal de arqueiro em quartzito polido. Seg. Soares e Tavares da Silva, 2010.



**FIG. 9** Miguens 3 (Alandroal). Planta das estruturas arquitectónicas da ocupação campaniforme do 3.º quartel do 3.º milénio BC. Seg. Calado, 2002.



**FIG. 10** Planta cumulativa das estruturas arquitectónicas do Monte da Tumba (Torrão). A torre campaniforme corresponde à última fase construtiva. As fases de construção 1-3 são da 1.ª metade do 3.º milénio, a fase 4 respeita ao período com campaniforme (grupo internacional), o n.º 5 da legenda corresponde a estruturas de fase não determinada, e o n.º 6, à reconstituição da área ocupada pela torre campaniforme. Adaptado de Tavares da Silva e Soares, 1987.

sugerida pela presença de conchas marino-estuarinas (Soares, 2013), e de escala supra-regional.

Ainda no que concerne à cultura material, regista-se o prosseguimento da tradição oleira da fase anterior, embora com redução da frequência de pratos de bordo almendrado e aumento das pequenas taças em calote (Soares, 2013, Fig. 192). Rompendo com o tradicional repertório oleiro, surge uma nova categoria cerâmica, o vaso campaniforme de estilo internacional (Fig. 8); pese embora o seu fabrico local/regional, tem subjacente um novo tipo morfológico (perfil em S, de paredes finas), e distinto programa tecnológico (pasta relativamente depurada; superfícies bem alisadas ou mesmo polidas, tendencialmente de tonalidades alaranjadas). Esta cerâmica inscreve o Porto das Carretas no sistema económico pan-europeu de bens de prestígio (Guilaine, Tusa, Veneroso, 2009), mesmo que intermediado provavelmente por La Pijotilla, a qual terá sido por sua vez abastecida em cerâmica campaniforme de estilo internacional pelo suposto centro produtor de La Palacina (Odriozola, 2012) (Fig. 2). Uma placa de arqueiro proveniente da Torre M13, dotada de extraordinário polimento, em quartzito de grão fino, reforça a adesão do Porto das Carretas ao «pacote campaniforme» (Fig. 8).

#### PLANTA FUNCIONAL E ESTRUTURA SOCIAL

A desigualdade social na Fase II da ocupação do Porto das Carretas reflecte-se não só na arquitectura,

mas também no padrão de distribuição dos artefactos (Fig. 5). A Torre M13 (Zona A) concentrava os artefactos mais qualificados: cerâmica campaniforme, instrumentos de cobre arsenical, instrumentos em pedra polida (braçal de arqueiro e espátula) de notável execução. Os 14 vasos campaniformes, de estilo internacional, foram encontrados na Torre M13 (9 exs.), na Torre N7 (2 exs.), no forno metalúrgico N2 (1 ex.), e os restantes dois exemplares provieram do exterior do complexo edificado com embasamento de pedra. A segregação espacial da cerâmica campaniforme em área central e socialmente valorizada foi também observada, como atrás mencionámos, na torre-fortaleza de Miguens 3 e nas cabanas J27 e H22/23 de San Blas.

#### MONTE DO TOSCO 1 E QUINTA DO ESTÁCIO 14: DISSEMINAÇÃO DO CAMPANIFORME DE ESTILO CIEMPOZUELOS NO MÉDIO GUADIANA

No Monte do Tosco 1 (Fig. 2), povoado de altura da margem esquerda do Guadiana (confluência com a Ribeira de Alcarrache), foi identificada uma ocupação com campaniforme tardio, em descontinuidade com a do pleno Calcolítico. Aí, a cerâmica campaniforme é exclusivamente de estilo Ciempozuelos; a técnica decorativa do pontilhado não foi identificada nos cerca de 38 recipientes contabilizados (Valera, 2013); o preenchimento da decoração por pasta branca encontra-se bem representado. A cerâmica campaniforme, associada a

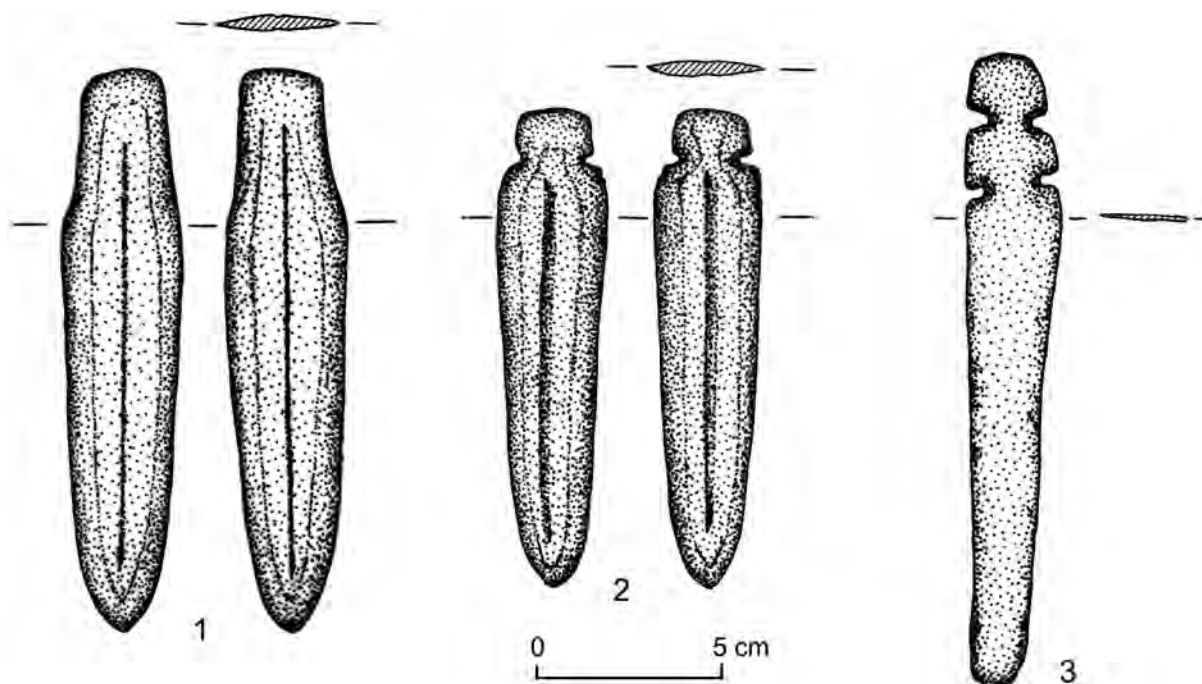


FIG. 11 Punhais em cobre arsenical do depósito de peças metálicas de S. Brás (Serpa), atribuído ao último quartel do 3.º milénio. Seg. Soares, 2013.

metais (punhal de lingueta), pingos de fundição e recipientes de armazenagem, concentrava-se na Cabana 1. É provável que Monte do Tosco 1 tenha substituído neste troço do rio, entre as ribeiras de Cuncos e Alcarrache, o entretanto abandonado Porto das Carretas, cerca de 16km a norte. Importa também referir o povoado de São Pedro (Fig. 2), que forneceu no topo da sequência estratigráfica (Fase V), uma ocupação com campaniforme exclusivamente inciso, de estilo Ciempozuelos (cerca de 15 recipientes), estabelecida na parte central do sítio, associada a cabanas de planta circular de base pétrea (Mataloto, Costeira e Roque, 2015).

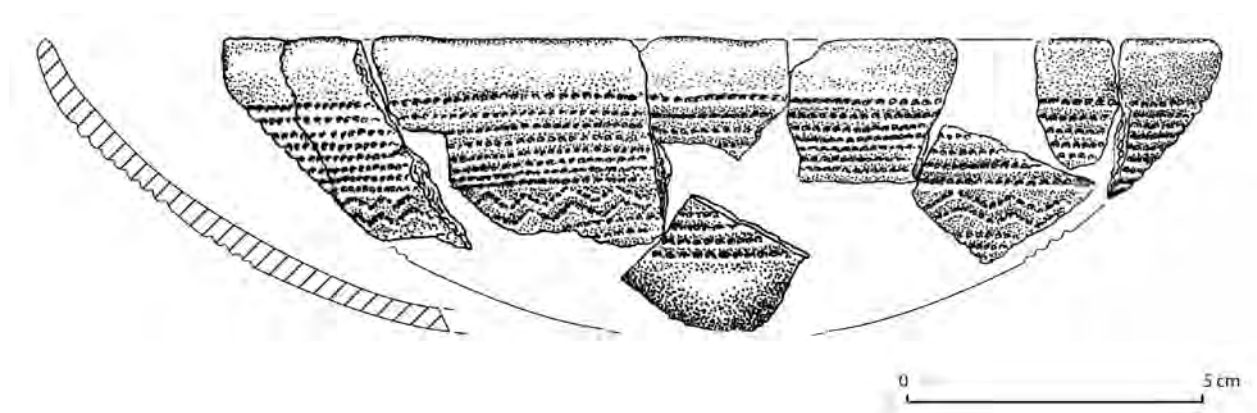
Em estudo pela signatária e colaboradores (Carlos Tavares da Silva e Jorge Feio), o sítio de planície da Quinta do Estácio 14 (concelho de Beja), na margem direita do Guadiana e a cerca de 14km do rio (Fig. 2), revelou uma ocupação com campaniforme, onde identificámos, em um conjunto de 14 recipientes de estilo Ciempozuelos, somente uma taça em calote decorada pela técnica do linear pontilhado preenchido a pasta branca (Fig. 12), filiável no grupo estilístico de Palmela. As pastas são em geral grosseiras, de fabrico local, com excepção das pastas da taça pontilhada atribuível ao grupo de Palmela e de uma taça com decoração incisa típica do grupo de Ciempozuelos (Fig.13, n.º 1), depurada, com tonalidades rosadas, sobreposta por engobe negro em ambas as superfícies. Estas duas peças correspondem a *outliers* de um ponto de vista tecnológico. Além das formas características do grupo de Ciempozuelos, regista-se uma forma para a qual não encontramos paralelos: pequena garrafa de gargalo sub-cilindrico e corpo esferoidal achatado (Fig. 15). Dos padrões decorativos destacamos as bandas de pequenos folíolos impressos e/ou linhas quebradas com preenchimento a pasta branca (Fig. 13 n.ºs 1, 3, 5) e as bandas de pontuações alternadas que preenchidas a pasta branca criam

o efeito visual de espinha (Fig. 14, n.º 1). O padrão decorativo do n.º 3 da Fig. 14 não conserva incrustações de pasta branca, e parece-nos menos comum, talvez um híbrido resultante do cruzamento dos estilos Ciempozuelos e Palmela evolucionado.

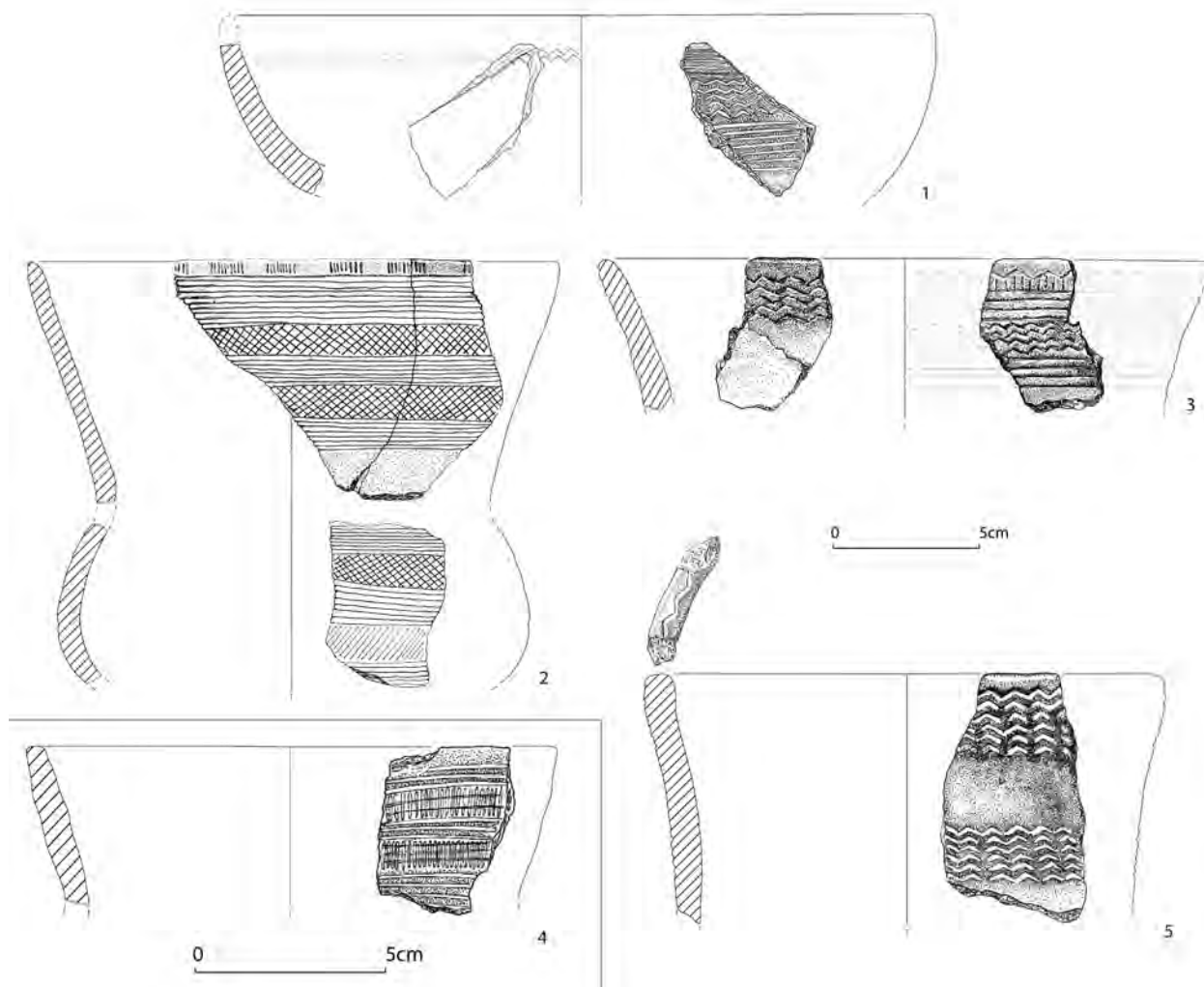
Finalmente, referência obrigatória para o fragmento de um grande recipiente de armazenagem (Fig. 14, n.º 4), que possui decoração simbólica, seguindo os cânones da arte esquemática, com a representação estilizada de par de veados-machos, incisos (sem preenchimento a pasta branca), cujas armações surgem bem destacadas. Esta variante decorativa é rara e tem surgido em cerâmica de mesa (vasos campaniformes e taças); o fragmento da Quinta do Estácio 14, pertencente a um recipiente de armazenagem, talvez aconselhe a revisão das interpretações que têm vindo a ser elaboradas para a cerâmica campaniforme com decoração simbólica (Garrido Pena, Muñoz López-Astilleros, 2000). Este tema iconográfico surge, embora com distinta expressão, no grupo de Palmela, executado pela técnica decorativa do linear pontilhado, nos hipogeus da Quinta do Anjo, e foi interpretado como evidência da valorização social de práticas cinegéticas de carácter «aristocrático» protagonizadas pelas elites campaniformes (Soares, 2003); o mesmo tema encontra-se também representado em taça tipo Palmela, mas pela técnica da incisão, no monumento funerário de Titularia (Cardoso *et al.*, 1996).

#### METALURGIA DO COBRE

Na margem esquerda da bacia do médio Guadiana, identificou-se uma primeira fase metalúrgica datada da primeira metade do 3.º milénio em Moinho de Valadares1 (Cabana 2) e Monte do Tosco 1 (Valera, 2013), mas será claramente na segunda metade do 3.º milénio, em



**FIG. 12** Quinta do Estácio 14. Taça em calote de bordo simples; pasta fina e compacta, cozedura em ambiente irregular com manchas escuras e alaranjadas (Munsell 2.5 YR 5/6), em ambas as superfícies. Vestígios de polimento na superfície externa. Decoração geométrica aplicada na superfície externa, segundo a técnica do linear pontilhado, com preenchimento a pasta branca. Desenho de Guida Casella.



**FIG. 13** Quinta do Estácio 14. 1 – Taça em calote, de tonalidade rosada e engobe negro em ambas as superfícies. Decoração aplicada no interior e exterior, através das técnicas da incisão e impressão, com preenchimento dos motivos geométricos a pasta branca. N.ºs 2-5 – Vasos campaniformes. Pastas grosseiras, semi-compactas, cozedura irregular, maioritariamente em ambiente redutor. Decoração aplicada no exterior (n.ºs 2, 4), no interior e no exterior (n.º 3), no exterior e sobre o lábio (influência do grupo de Palmela evolucionado?) (n.º 5). Decoração incisa e impressa (estilo Ciempozuelos) com preenchimento a pasta branca. Desenhos de Guida Casella.

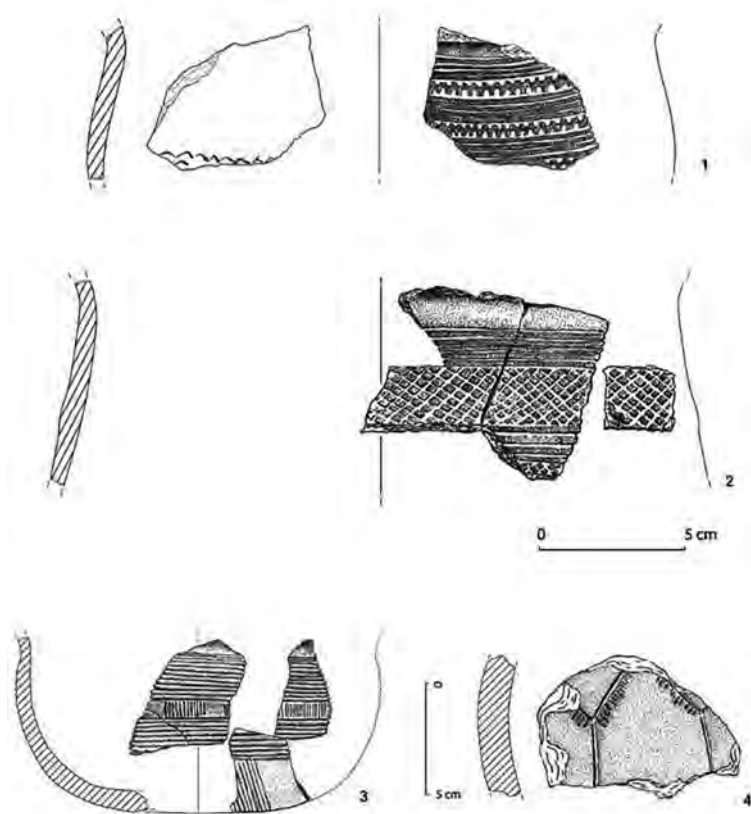
cronologia campaniforme, que a metalurgia do cobre atinge uma maior dispersão e visibilidade (Valério, Soares e Araújo, 2016). A grande maioria (mais de uma centena), das peças metálicas do povoado de La Pijotilla pertence ao período com campaniforme, sendo de destacar a presença de pontas de jabalina e de punhais de lingueta.

A intensificação da produção metálica no médio Guadiana durante o Horizonte Campaniforme é reconhecida para a generalidade da região e associa, como na Meseta, o estilo Ciempozuelos a produções de armas de cobre arsenical e a diademas de ouro, como no achado, provavelmente funerário, de Montijo/Barbaño, Badajoz (Enríquez Navascués, 2007).

Temos vindo a considerar a metalurgia do cobre arsenical uma actividade motora nas sociedades da

segunda metade do 3.º milénio, com capacidade de incremento da produtividade, pois no processo produtivo o metal veio proporcionar vantajosas alternativas a muitos utensílios de trabalho líticos e ósseos, com consequências no desenvolvimento das forças produtivas. O seu protagonismo não foi menor no domínio sociopolítico. Pela via do incremento do trabalho especializado (divisão técnica e social do trabalho) e da operacionalização de um equipamento artefactual com funções coercivas, as lideranças campaniformes legitimam a tomada e manutenção do poder e consolidam uma instância de economia política, progressivamente separada e sobrejacente à tradicional economia agropecuária de subsistência.

A gestão conservacionista dos instrumentos em cobre, com recurso à reciclagem (Gil e Guerra, 1987)

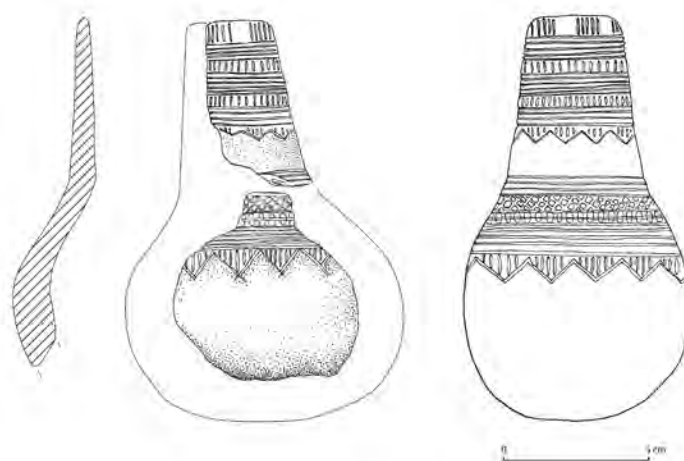


**FIG. 14** Quinta do Estácio 14. Cerâmica de pastas grosseiras, semi-compactas, de cozedura irregular, com predomínio de ambiente redutor. Superfícies bem alisadas. Decoração integrável no estilo Ciempozuelos. 1 – Caçoila (?) com decoração aplicada no interior (bojo) e no exterior; motivos decorativos incisos e impressos (banda de pontuações alternadas que uma vez preenchidas a pasta branca criam a imagem de espinha). 2 – Vaso de perfil em S de grandes dimensões; decoração incisa com preenchimento a pasta branca. 3 – Vaso de perfil em S. Decoração incisa sem vestígios de incrustações de pasta branca. 4 – Fragmento de bojo de vaso de grandes dimensões, muito provavelmente destinado a armazenagem, com decoração campaniforme simbólica: par de cervídeos estilizados, com armações bem representadas; técnica da incisão sem vestígios de preenchimento a pasta branca. Desenhos de Guida Casella.

pode explicar, pelo menos parcialmente, a relativa escassez de artefactos metálicos nos espaços residenciais bem como a constituição de depósitos metálicos, nomeadamente no Outeiro de S. Bernardo (Ferreira, 1971; Cardoso, Soares, Araújo, 2002) e no Cerro dos Castelos de S. Brás (Soares, 2013), ambos na margem esquerda do Guadiana. O valor social dos instrumentos metálicos e o seu papel na materialização das relações de poder são evidentes, identificando os líderes «omniscientes» de uma prístina «meritocracia», sobretudo através do punhal de lingueta e ponta tipo Palmela. O depósito metálico que acompanhava a sepultura individual do nicho da câmara do Monumento 3 de Alcalar, com cinco punhais em um total de 15 peças, ilustra a afirmação precedente (Estácio da Veiga, 1889). Ao con-

trário do verificado com a cerâmica campaniforme, que parece ter encontrado resistência no sul do Baixo Alentejo, Algarve e bacia do Baixo Guadiana, a metalurgia do cobre arsenical, em geral associada àquela cerâmica, disseminou-se pelas áreas consideradas, onde foram identificados povoados mineiros, como Cortadouro, no vale do Mira (Tavares da Silva e Soares, 1976-77), Santa Justa no alto Algarve oriental (Gonçalves, 1989), La Junta e Cabezo Juré no ocidente da província de Huelva (Nocete, 2001).

Os vestígios metalúrgicos recuperados no Porto das Carretas (Soares, 2013, p. 315-319) representam diferentes fases da cadeia operatória: minerais, forno metalúrgico, escórias, cerâmica vitrificada (cadinhos) e artefactos metálicos em cobre arsenical. A análise química dos artefactos metálicos da Fase II do Porto das Carretas (Valério *et al.*, 2007) comparada com a dos minerais permitiu admitir a hipótese de serem produzidos a partir de minérios ricos em cobre sem arsénio, disponíveis na bacia do Guadiana, a que se adicionavam, na fase de redução, minérios de arsénio. Os instrumentos metálicos do Porto das Carretas concentravam-se na Torre M13, em associação com os restantes artefactos mais qualificados da ocupação com campaniforme do grupo internacional. Também em San Blas se observou a concentração dos objectos de cobre (p. ex. punhal de lingueta), da cerâmica campaniforme e de vasos de armazenagem nas unidades habitacionais J27 e H22/23, constituindo uma das expressivas materializações da desigualdade intrassocial que se instala no Sudoeste Peninsular na segunda metade do 3.º milénio.



**FIG. 15** Quinta do Estácio 14. Vaso tipo garrafa, de gargalo subvertical e corpo sub-esférico lateralmente achatado. Pasta grosseira e semi-compacta, cozedura irregular, em atmosfera maioritariamente redutora, superfícies bem alisadas. Decoração incisa e impressa preenchida a pasta branca. Desenho de Guida Casella.

Em San Blas, a actividade metalúrgica foi espacialmente segregada em um esporão sobre o Guadiana, no extremo NW do povoado, separada da área residencial por fosso. Aí foram identificados fornos metalúrgicos (70x30cm de diâmetro), minerais de cobre, sobretudo carbonatos de cobre, escórias, cerâmicas com escorificações, e instrumentos metálicos (Hurtado Pérez, 2004). As assinaturas isotópicas das peças metálicas de San Blas mostraram que o povoado explorou várias fontes de aprovisionamento de minerais de cobre, nomeadamente a mina de Alconchel e a zona portuguesa de Ossa-Morena e que a sua produção se destinou ao «mercado redistribuidor» de La Pijotilla (Hunt Ortiz *et al.*, 2009). Também no que à cerâmica campaniforme incisa respeita, San Blas abasteceu La Pijotilla, como já foi referido (Odriozola, 2012).

Os depósitos metálicos do Outeiro de S. Bernardo (Cardoso, Soares e Araújo, 2002) e do Cerro dos Castelos de S. Brás (Soares, 2013), atribuíveis ao último quartel do 3.º milénio, são constituídos maioritariamente por peças em cobre com As, muito embora este elemento possua frequências muito variáveis; são raros os objectos de cobre sem arsénio em ambos os contextos. No caso do depósito de S. Brás, os três punhais (Fig. 11) possuem a mais elevada frequência relativa de As do conjunto, com 3,9%, 4% e 7,4%. O arsénio contribuiu para aumentar a dureza das peças, conferindo-lhes também uma tonalidade argêntea, aspectos que podem não ter sido resultantes de meros acasos mas, pelo contrário, intencionalmente procurados (cf. a propósito, Pereira *et al.*, 2016). Rui Parreira recuperou durante as escavações realizadas em S. Brás (Parreira, 1983) uma ponta de tipo jabalina, em cobre com vestígios de arsénio (Soares, Araújo, Cabral, 1994), correlacionável com a ocupação campaniforme que ocorreu no local após a destruição da fortificação da primeira metade do 3.º milénio, e com o referido depósito de peças metálicas.

## CONCLUSÕES

No terceiro quartel do 3.º milénio BC o modelo de sociedade tribal complexa do Calcolítico estaria esgotado, provavelmente devido a uma excessiva segmentação territorial que bloquearia o desenvolvimento das forças produtivas (metalurgia, tecelagem e trocas comerciais inter-regionais). No entanto, as macro-aldeias que polarizavam os territórios politicamente organizados prosseguem as funções de coordenação económica e sociopolítica, supostamente de forma mais centralizada, mas em ambiente de descompressão territorial.

O Guadiana comporta-se como o principal eixo de circulação do cobre e do sal marinho, perfazendo um percurso com mais de 200Km, entre La Pijotilla e

a foz do rio. La Pijotilla deverá ter continuado a deter uma posição cimeira na estrutura do povoamento e do poder da margem esquerda do Guadiana até aos inícios do 2.º milénio BC, ou seja, Bronze antigo, e nessa medida deverá ter sido o principal centro redistribuidor da produção metálica da bacia do Guadiana, do sal marinho proveniente da sua desembocadura, bem como o principal protagonista na gestão das redes de alianças de elites por onde circularam a informação e os bens materiais de valor social (capital do novo sistema económico de bens de prestígio).

Os povoados de fossos e/ou estruturas defensivas muralhadas de média/grande dimensão que subsistem na segunda metade do 3.º milénio, como San Blas e Perdigões, acompanham de perto a dinâmica das macro-aldeias do topo da hierarquia das redes de povoamento, podendo, como no caso de San Blas, especializar-se economicamente (fileira metalúrgica do cobre), atingindo nesta fase um pico de desenvolvimento.

Os sítios de pequena/média dimensão com funções defensivas nos sistemas de povoamento de La Pijotilla e Porto Torrão, como Porto das Carretas, Miguens 3, Monte da Tumba, são objecto de (re)fundação com novo programa arquitectónico (torres monumentalizadas em espaço aberto), a partir do 3.º quartel do 3.º milénio BC, o qual reflecte uma estrutura social muito desigual, com núcleo de poder local de tipo senhorial.

A partir do último quartel do 3.º milénio parece ter ocorrido uma dispersão do povoamento, em estabelecimentos abertos, quer de altura e fortificados em fases precedentes (São Pedro, Monte do Toscol), quer de planície (Quinta do Estácio 14, Barrada do Grilo).

A cerâmica campaniforme (em geral de produção local/regional), aparentemente um produto menor, parece ter desempenhado papel crucial enquanto objecto ideológico de reconhecimento e identificação das elites e muito provavelmente de aparato nos rituais de hospitalidade e festa inerentes à criação e manutenção das redes de alianças das chefaturas incipientes que propomos para este período. O valor social e simbólico da cerâmica campaniforme ultrapassa o já de si elevado investimento em trabalho qualificado aplicado no seu fabrico. As análises de conteúdos têm vindo a comprovar a utilização desta cerâmica ao serviço do consumo de bebidas alcoólicas (cerveja e hidromel) e, talvez, de prováveis substâncias alucinogénias que podiam proporcionar visões atribuíveis a um mundo «supra-sensorial» ou sagrado (Guerra Doce, 2006; Rojo Guerra, Garrido Pena, García-Martínez de Lagrán, 2008; Garrido Pena e Muñoz López-Astilleros, 2000), fonte de conhecimento esotérico, cujo acesso seria reservado ao poder das elites, mais que não fosse para criar distanciamento e distinção relativamente às comunidades por si controladas.



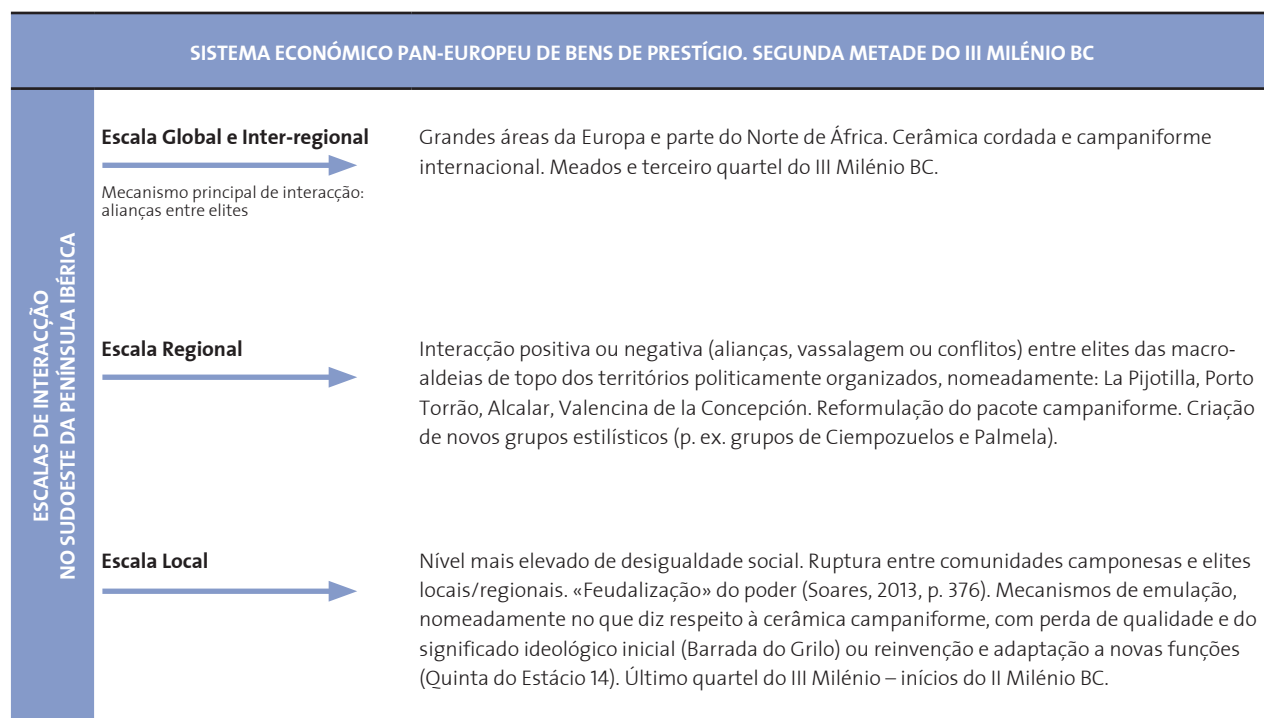
Na bacia do médio Guadiana a distribuição da cerâmica campaniforme reflecte a estrutura hierarquizada do sistema de povoamento; são evidentes as restrições ao seu uso, havendo povoados que não utilizaram esta cerâmica, como Mercador (Valera, 2013); em outros sítios da mesma rede regional, como Cortinales, a cerâmica campaniforme é manifestamente rara (Gil-Mascarell Bosca e Rodríguez Diaz, 1987; Hurtado Pérez, 1999). Em San Blas, Porto das Carretas, Miguens 3, Monte do Tosco 1, registou-se um padrão selectivo e concentrado de distribuição, estando a cerâmica associada a metais e a outros bens de prestígio em estruturas arquitectónicas centrais. Em La Pijotilla e Porto Torrão a cerâmica campaniforme tem uma larga distribuição (múltiplos contextos de apropriação) e grande diversidade estilística (Kohring, 2011).

Foi possível identificar na região vários modos sequenciais de interacção na segunda metade do 3.º milénio (Quadro 2):

- **Nível de Interacção Global (NIG).** Redes de trocas de longo curso; participação das macro-aldeias de topo da hierarquia dos territórios politicamente organizados. No que respeita ao Guadiana e áreas limítrofes: La Pijotilla, Porto Torrão, Alcalar. Um bom indicador deste processo de interacção é o campaniforme cordado, que surge em reduzidíssimas quantidades, em meados do 3.º milénio.
- **Nível de Interacção Inter-regional (NII).** Redes de trocas entre as macro-aldeias cimeiras de La Pijotilla,

San Blas (Odriozola, 2012), Porto Torrão, Perdígões e entre estas e os mais importantes povoados na sua dependência: Porto das Carretas, Miguens 3, La Palacina, Monte da Tumba, Monte da Ponte, entre outros. Um bom indicador deste processo de interacção é o aparecimento de cerâmica campaniforme de estilo internacional e do associado pontilhado geométrico, no terceiro quartel do 3.º milénio (Soares e Tavares da Silva, 2010).

- **Nível de Interacção Intrarregional (NIR).** Regionalização da cerâmica campaniforme; criação de grupos estilísticos de forte afirmação identitária. No Sudoeste ibérico, destaque para os estilos Ciempozuelos e Palmela. O médio Guadiana integrou-se na província estilística de Ciempozuelos, com a adopção do respectivo repertório morfológico e da técnica decorativa da incisão, complementada pela impressão; ambas são frequentemente realçadas pela aplicação de pasta branca, em grande parte obtida a partir de material ósseo (Odriozola, 2012). A cerâmica campaniforme de estilo Ciempozuelos encontra-se, pois, muito bem representada em ambas as margens do médio Guadiana: La Pijotilla, San Blas, Perdígões (Lago *et al.*, 1998), Monte do Tosco 1, São Pedro, Outeiro de S. Bernardo (Bubner, 1979), Quinta do Estácio 14. O máximo desenvolvimento deste estilo cerâmico ocorreu no último quartel do 3.º milénio, tendo-se prolongado até cerca de 1800 cal BC (Guerra Doce e Liesau Von Lettow-Vorbeck, 2016; Ríos Mendoza, 2011; Soares e Tavares da Silva, 2010).



**QUADRO 2** Esquema geral das diferentes escalas de interacção reconhecidas a partir do registo arqueológico da bacia do médio Guadiana. Seg. Soares, 2016.

■ Nível Local (NL). Processo de emulação. O campaniforme de estilo Ciempozuelos difundiu-se largamente até sítios periféricos de planície, sem estruturas defensivas, como Quinta do Estácio 14 e Barrada do Grilo já na bacia do Sado. Estas cerâmicas possuem em geral pastas grosseiras e pouco compactas, o que parece indicar perca de conhecimento técnico e de valor ideológico. A transição para o 2.º milénio parece corresponder a uma fase de desregulação sociopolítica com muitas áreas de sombra no registo arqueológico. Quiçá por esta razão, a escala local reforça a sua capacidade de autossuficiência e de criatividade, conforme ilustra a cerâmica campaniforme do sítio da Quinta do Estácio 14. Aproxima-se o fim de um longo ciclo de desenvolvimento, em que a complexidade social se intensifica; somam-se a desigualdade intrassocial e a intersocial transportada pelos bens de prestígio de outros ciclos e contextos produtivos (de um modo geral baseados em relações sociais de produção com exploração), nos quais se condensa a riqueza socialmente reconhecida e apropriada pelas elites campaniformes.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Victor S. Gonçalves o convite para participar na profícua reunião científica subjacente ao presente livro, à Prof.<sup>a</sup> Ana Catarina Sousa pelo persistente incentivo à preparação deste artigo, aos Drs. Luisa Pinto e Miguel Martinho da EDIA, que me facultaram informação sobre os trabalhos arqueológicos que têm vindo a ser financiados pela Empresa de Desenvolvimento das Infraestruturas do Alqueva, e muito especialmente à equipa técnico-científica do Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, em cujo âmbito este texto foi produzido. O nosso reconhecimento vai também para o Mestre Jorge Feio que nos facultou os materiais de Quinta do Estácio 14.

#### REFERÊNCIAS

ALDAY RUIZ, A. (2001) – Vías de intercambio y promoción del campaniforme marítimo y mixto sobre el interior peninsular. *Cuadernos de Arqueología*, 9. Universidad de Navarra, p. 111-174.

ALFARROBA, A. (2013) – Porto das Carretas – Arquitectura e lugar. In J. SOARES, *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS, p. 540-574.

ANTUNES, M. T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – Mamíferos (Nota Preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.

BETTENCOURT, A. M. S. (2011) – El vaso campaniforme en el norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados. In PRIETO MARTÍNEZ, M. P.; SALANOVA, L. (eds.) – *Las Comunidades Campaniformes en Galicia*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, p. 364-414.

BUBNER, T. (1979) – A ocupação campaniforme do Outeiro de S. Bernardo (Moura). *Ethnos*, 8, p.139-151.

CABRAL, J. M. P.; PRUDÊNCIO, M. I.; GOUVEIA, M. A.; ARNAUD, J. E. (1988) – Chemical and mineralogical characterization of Pre-Beaker and Beaker pottery from Ferreira do Alentejo (Beja, Portugal). *Proceedings of the 1988 Symposium of Archaeometry*, p. 122-127.

CALADO, M. (2002) – Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*, II S, 11, p. 122-127.

CALADO, M.; RIBEIRO, A. (2001) – *Relatório da escavação do povoado calcolítico de Miguens 3 (Alandroal). Campanha 2 (2000)*. Lisboa: Fundação da Universidade de Lisboa/Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (policopiado).

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; VEIGA, O. DA; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J.; FIALHO, P. (1996): O monumento pré-histórico de Tituaría, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 135-193.

CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 20, p. 77-114.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (2007) – Diversidad y heterogeneidad durante los inicios de la Prehistoria reciente en la cuenca media del Guadiana. In E. CERRILLO CUENCA and J. M. VALADÉS SIERRA (eds.) – *Los primeros campesinos de la Raya. Aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo. Actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres* (Memorias, 6). Cáceres: Museo de Cáceres, p. 95-111.

ESTÁCIO DA VEIGA, S. P. M. (1889) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, III. Lisboa: Imprensa Nacional.

EVANGELISTA, L. S.; LAGO, M.; MIGUEL, L. (2016) – A anta dos Enxacafres no contexto do megalitismo da região de Grândola e Santiago do Cacém: uma primeira nota. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, p. 21-31.

FERREIRA, O. da V. (1971) – Um esconderijo de fundidor encontrado no Castro de S. Bernardo (Moura). *O Arqueólogo Português*, S. III, 5, p. 139-143.

FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. de (1975a) – A contribuição do «agro setubalense» para o conhecimento da cultura do vaso campaniforme em Portugal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 45-51.

FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. de (1975b) – Le Monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 59, p. 107-192.

GARCÍA RIVERO, D. (2006) – Campaniforme y territorio en la Cuenca Media del Guadiana. *SPAL*, 15, p. 71-102.

GARRIDO PENA, R., MUÑOZ LÓPEZ-ASTILLEROS, K., (2000) – Visiones sagradas para los líderes. Cerámicas campaniformes con decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum* 11, p. 285-300.

GIL, F. B.; GUERRA, M. F. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. V – Estudo do espólio metálico por fluorescência de Raios X. *Setúbal Arqueológica*, VIII, p. 145-153.

GIL-MASCARELL BOSCA, M.; RODRÍGUEZ DIAZ, A. (1987) – El yacimiento calcolítico de ‘Los Cortinales’, en Villafranca de los Barros (Badajoz). *Archivo de Prehistoria Levantina* 17, p. 123-145.

GILMAN, A. (1975) – *A later prehistory of Tanger. Morocco* (Bulletin of the American School of Prehistoric Research, 29). Peabody Museum/Harvard University.

- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GUERRA DOCE, E. (2006) – Sobre la función y el significado de la cerámica campaniforme a la luz de los análisis de contenidos. *Trabajos de Prehistoria*, 63 (1), p. 69-84.
- GUERRA DOCE, E.; LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C. (eds.) (2016) – *Analysis of the economic foundations supporting the social supremacy of the Beaker Groups* (Proceedings of the XVII UISPP World Congress, vol. 6/session B36). Oxford: Archaeopress Publishing Lda, p. 55-68.
- GUILAINE, J.; TUSA, S.; VENEROSO, P. (2009) – *La Sicile et l'Europe Campaniforme*. Toulouse: Archives d'Écologie Préhistorique.
- HUNT ORTIZ, M. A.; HURTADO PÉREZ, V.; MONTERO RUÍZ, I.; ROVIRA LLORENS, S. and SANTOS ZALDUEGUI, J. F. (2009) – Chalcolithic metal production and provenance in the site of San Blas (Cheles, Badajoz, Spain). *2<sup>nd</sup> International Conference of Archaeometallurgy in Europe*. Milano: Associazione Italiana di Metallurgia, p. 81-92.
- HURTADO PÉREZ, V. (1999) – Los inicios de la complejización social y el campaniforme en Extremadura. *Spal*, 8, p. 47-85.
- HURTADO PÉREZ, V. (2004) – El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). III milenio AC. *Trabajos de Prehistoria*, 61(1), p. 141-155.
- HURTADO PÉREZ, V.; AMORES CARREDANO, F. (1982) – Relaciones culturales entre el SE francés y La Pijotilla (Badajoz): las pastillas repujadas y el campaniforme cordado. *Habis*, 13, p. 189-209.
- JORGE, S. O. (1999) – An all-over corded bell beaker in northern Portugal. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Some remarks. *Journal of Iberian Archaeology*, 4, p. 107-123.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1997) – O povoado fortificado, calcolítico do Monte da Ponte, Évora, *II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II: Neolítico, Calcolítico y Bronce*: 417-423. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- KOHRING, S. (2011) – Social Complexity as a Multi-Scalar Concept: Pottery Technologies, 'Communities of Practice' and the Bell Beaker Phenomenon. *Norwegian Archaeological Review*, vol. 44, no. 2, p. 145-163.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (1), p. 45-152.
- LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C.; GUERRA DOCE, E.; DELIBES DE CASTRO, G. (2014) – Casual or ritual: The Bell Beaker deposit of La Calzadilla (Valladolid, Spain). *Quaternary International*, 330, p. 88-96.
- LILLIOS, K. T. (1999) – Objects of Memory: the ethnography and archaeology of heirlooms. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 6 (3), p. 235-262.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (2), p. 31-77.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; ROQUE, C. (2015) – Torres, cabanas e memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, p. 81-100.
- MORÁN, E. (2014) – *El asentamiento prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal)*. *La organización del territorio y el proceso de formación de un estado prístino en el tercer milenio a.n.e.* Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Sevilha, Faculdade de Geografia e História, Departamento de Pré-história e Arqueologia.
- NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M. I.; VALERA, A. C. (2007) – Bell Beaker production and consumption along the Guadiana river: an Iberian perspective. *Vessels: Inside and outside*. Budapest: EMAC, p. 63-69.
- ODRIOZOLA, C. P. (2012) – *Sistemas técnicos de produção cerâmica. El Guadiana Médio durante la Edad del Cobre* (Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Ciência de Materiais de Sevilha, Conselho Superior de Investigações Científicas, 2010). Sevilha: Editorial Académica Española.
- PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 149-168.
- PEREIRA, F.; SILVA, R. J. C.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M.; CARDOSO, J. L. (2016) – Metallurgical production from the Chalcolithic settlement of Moita da Ladra, Portugal, DOI: 10.1080/10426914.2016.1244839 <http://dx.doi.org/10.1080/10426914.2016.1244839> (consultado em: 28/2/2017)
- RÍOS MENDOZA, P. (2011) – III – Nuevas datas para el Calcolítico de la Región de Madrid. Aproximación crono-cultural a los primeros poblados estables. In C. BLASCO; C. LIESAU VON LETTOW-VORBECK; P. RÍOS (eds.) – *Yacimientos Calcolíticos con Campaniforme de la Región de Madrid: Nuevos Estudios* (Património Arqueológico de Madrid, 6). Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, p. 73-86.
- ROJO GUERRA, M. A.; GARRIDO PENA, R.; GARCÍA-MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I. (2008) – No sólo cerveza. Nuevos tipos de bebidas alcohólicas identificadas en análisis de contenidos de cerámicas campaniformes del Valle de Ambrona (Soria). *Cuadernos de Prehistoria e Arqueología de la Universidad de Granada*, 18, p. 91-105.
- SANTOS, M. F.; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1972) – Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão-Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*, 6 (S. III), p. 163-192.
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; CABRAL, J. M. P. (1994) – Vestígios da prática da metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In *Arqueologia en el entorno del bajo Guadiana*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, p. 165-200.
- SOARES, A. M. M.; RIBEIRO, M. I. M. (2003) – Identificação, análise e datação de um tecido pintado proveniente de um monumento megalítico da necrópole de Belle France (Monchique, Algarve, Portugal). *Resumo de Actas do V Congreso Ibérico de Arqueometria*, p. 155-156.
- SOARES, A. M.; RIBEIRO, M. I. M.; OLIVEIRA, M. J.; VALÉRIO, P. (2016) – Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português – identificação, análise e datação (resumo de comunicação apresentada ao IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste da Península Ibérica).
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeuos pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRAL e MAEDS.
- SOARES, J. (2016) – Social complexity in the third millennium cal BC in southern Portugal. In SOARES, J. (ed.) – *Social complexity in a long term perspective* (Setúbal Arqueológica, vol. 16), p. 77-114.

- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1974-77) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série III, 7/9, p. 102-112.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1984) – Le Groupe de Palmela dans le cadre de la céramique campaniforme au Portugal. In J. GUILAINE (ed.) – *L'Age du Cuivre Européen. Civilisations a vases campaniformes*. Toulouse: CNRS, p. 209-220.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1998) – From the collapse of the Chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the Southwest of Iberian Peninsula. In S. OLIVEIRA JORGE. (ed.) – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (Trabalhos de Arqueologia, 10). Lisboa: IPA, p. 231-245.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2010) – Campaniforme do Porto das Carretas (Médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. In V. S. GONÇALVES; A. C. SOUSA (eds.) – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e UNIARQ, p. 225-261.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 179-272.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1985) – Monte da Tumba (Torrão). Eine Befestigte Siedlung Der Kupferzeit Im Baixo Alentejo. *Madriider Mitteilungen*, 26, p. 1-21.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) – Intervenção arqueológica na vila do Torrão. Ocupação calcolítica. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 103-114.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 29-79.
- VALERA, A. C. (2013) – *As comunidades agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana (2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*. Lisboa: EDIA, DRCAL.
- VALERA, A. C.; CALVO, E.; SIMÃO, P. (2016) – enterramento campaniforme em fossa da Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, p. 13-19.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. (2016) – An Overview of Chalcolithic Copper Metallurgy from Southern Portugal. *Menga*, 7, Sevilha: Junta deAndalucia, p. 31-50.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2007) – Vestígios arqueometalúrgicos do povoado calcolítico fortificado do Porto das Carretas (Mourão). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 25, p. 177-194.
- VILHENA, J. (2016) – Pré-história recente em Odemira. In J. SOARES e C. TAVARES DA SILVA (eds.) – *Atlas do Património Cultural do Alentejo Litoral e Costa Vicentina*. Grândola: CIMAL (www.atlas.cimal.pt).